

# ITINERÁRIOS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS NO RECÔNCAVO DA BAHIA

GT11 – Informação, educação e tecnologias

Georgina Gonçalves dos Santos<sup>1</sup>

Cristiane de Oliveira Xavier Machado<sup>2</sup>

Larisse Miranda de Brito<sup>3</sup>

## Introdução

A universidade que fora historicamente um espaço de/e para as elites de cada época, vem sendo chamada na contemporaneidade a reconfigurar sua relação com a sociedade. Pressionada, tanto pelo mercado, que exige maior qualificação de mão de obra, quanto pela sociedade civil, que reivindica a ampliação de acesso e responsabilidade social, esta instituição vem sendo obrigada a discutir e implementar dispositivos para sua abertura e democratização do seu espaço (ALMEIDA FILHO, 2007; SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008; FERREIRA 2009).

No Brasil esse debate ganha novos contornos, a partir dos anos 2000, quando o governo Fernando Henrique Cardoso inicia a expansão das Instituições Federais de Ensino Superior. O governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 – 2010) dá continuidade ao processo, acirrando esta tendência, com programas como ProUNI, (Universidade para todos), a UAB (Universidade Aberta do Brasil), o Programa Expandir e o REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades). Segundo dados do Ministério da Educação entre 2002 e 2010 cento e vinte e seis (126) novas unidades de ensino superior foram criadas. Entre 2003 e 2010 o número de vagas passa de cento e nove mil (109.000) para duzentos e vinte e dois mil e quatorcentos (222.400). O número de professores no mesmo período passaria de pouco mais de quarenta mil (40.000) para um pouco mais de sessenta mil (60.000). Os número de técnicos administrativos aumenta de oitenta e cinco (85) para cento e

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Bolsista de Produtividade CNPq. E-mail: [georgina@ufrb.edu.br](mailto:georgina@ufrb.edu.br)

<sup>2</sup> Estudante do 8º Semestre do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Artes Humanidades e Letras e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC. E-mail: [cristianeoxm@hotmail.com](mailto:cristianeoxm@hotmail.com). Telefone para contato: (75) 9171-7669

<sup>3</sup> Estudante do 8º Semestre do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras e Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: [lary.brito1@hotmail.com](mailto:lary.brito1@hotmail.com). Telefone para contato: (75) 9120-8157

cinco mil (105.000). Os recursos financeiros atingiram a ordem de 19,7 milhões, diferentemente dos 6,7 milhões que eram gastos no ano de 2003. Também neste período 14 novas universidades foram criadas, dez delas voltadas para interiorização do ensino superior, quatro destinadas à integração regional e internacional.

Reformar, expandir as universidades públicas federais e superar seu modelo anacrônico atendendo à demanda crescente dos setores populares por acesso às instituições universitárias são sustentáculos da proposta do governo. Em que pese a análise que se faça destas ações o fato é que os programas propostos neste período arrastam para o centro da discussão o debate sobre a questão da inclusão de setores que foram historicamente banidos do ensino superior e, mais especialmente, das instituições federais em nosso país.

Este processo abertura/ “democratização” da universidade pública brasileira demanda estruturação de políticas de assistência estudantil que deem conta de um novo público que acessa o espaço universitário. Em 2008, um o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) é apresentado, sua disposição é institucionalizar a prática de assistência estudantil que passa a ser compreendida como instrumento de garantia do acesso e permanência de jovens de origem popular no espaço acadêmico.

A vivência universitária é marcada por acontecimentos que ultrapassam aqueles propostos pelos currículos formais, assim, as políticas desenhadas para atender acesso e permanência a segmentos historicamente destituídos de direitos sociais, necessitam enfrentar condições no domínio das subjetividades que se formam em torno da condição de exclusão. Com o intuito de compreender as diferentes estratégias criadas por estudantes universitários na tessitura de seus itinerários, o Observatório da Vida Estudantil passa a funcionar na Universidade Federal da Bahia (UFBA) a partir de 2007, tendo como foco principal de interesse os estudantes ingressos através do sistema de cotas. Deste modo, o OVE vem sistematizando informações úteis para o aprimoramento das políticas de assistência estudantil e constituindo-se como anal de expressão para esse grupo de estudantes.

A partir de 2009, o OVE amplia sua atuação, é trazido para a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), desenvolvendo pesquisas que se debruçam sobre a relação ensino médio/universidade. No estudo aqui apresentado interessa-nos os “*Itinerários de Estudantes Universitários no Recôncavo da Bahia*” a fim de conhecer os modos e procedimentos, através dos quais, jovens beneficiados pelas ações afirmativas e assistidos por políticas de permanência, realizam suas carreiras e estabelecem uma relação com o saber (CHARLOT, 2000). Através da descrição dos percursos anteriores à entrada na universidade e mapeando suas práticas e expectativas, interessa compreender como estudantes universitários

constroem seus percursos rumo à autonomia intelectual, social e pessoal, especialmente aqueles oriundos de famílias sem qualquer tradição universitária.

Se para as camadas privilegiadas da sociedade brasileira, a universidade é destino certo, para aqueles historicamente destituídos de direitos, a educação superior continua a representar um projeto de futuro distanciado de seu cotidiano, na maioria das vezes, não despertado por suas experiências como alunos do ensino médio público, uma vez que o ingresso na universidade não é um tema discutido pela escola pública enquanto projeto de futuro para seus estudantes.

Esse trabalho, de natureza etnometodológica (COULON, 1995) utilizou entrevistas compreensivas e a observação participante como técnicas para a produção de dados. O diário de campo do pesquisador foi utilizado, ao longo do seu desenvolvimento, para prover à pesquisa seu fio condutor reflexivo e numerosas observações de caráter tanto metodológico quanto teórico. Foram investigadas as rotinas, o tempo dedicado aos estudos, as percepções acerca da relação desses jovens com os professores, as estratégias de construção de redes de sociabilidade que atravessam seus percursos, antes e ao longo da vida universitária.

Os relatos aqui analisados põem em relevo, os sentimentos e estratégias desenvolvidas pelos sujeitos para lidar com os inúmeros “nãos” que conduzem ao não pertencimento, sugerindo a necessidade de incluir as subjetividades como importante condutor das políticas voltadas para o acesso e permanência desses jovens nos espaço universitário, pois, como podemos observar, os percursos são marcados por muitos obstáculos. Oriundos de um ensino deficitário, os sujeitos relatam as condições precárias da escola pública, suas fragilidades e lacunas no que concerne à qualidade do ensino e à preparação para a continuidade da carreira estudantil. Revelam ainda, a disparidade em relação ao conteúdo aprendido na escola e o exigido no processo seletivo para ingresso na educação superior. A competição do trabalho e deficiências na formação faz com que os estudantes retardem, na maioria das vezes, o ingresso na universidade. Para suprir lacunas buscam como alternativa os cursinhos públicos, mais raros, ou particulares que conseguem pagar com dificuldades com dinheiro do próprio trabalho ou com a ajuda de familiares.

A aprovação no vestibular é considerada um momento bastante significativo, marcado por uma conquista do jovem e de sua família mobilizada em torno do projeto de um futuro melhor para os filhos. Entretanto, o ingresso na universidade traz ao mesmo tempo para esses estudantes momentos de angústia e incertezas: nesta nova realidade precisam encontrar soluções para garantir sua permanência na instituição.

Trazendo mais complexidade ao quadro que se desenha para esses jovens estudantes, além das dificuldades impostas pela condição socioeconômica, devem ser levadas em conta as mudanças próprias do período juvenil que exigem pensar e tomar decisões relativas ao seu projeto de futuro e a sua autonomia enquanto sujeito. O processo de aproximação e reconhecimento dessa nova realidade institucional demanda do estudante uma série de adaptações para lidar com os códigos institucionais e acadêmicos o que deverá resultar, se tudo der certo, em sua afiliação à instituição universitária (COULON, 2008).

O estudo aponta para o fato de que a Universidade é uma experiência de longo alcance que marca profundamente as trajetórias individuais dos sujeitos em meio à multiplicidade de experiências vivenciadas nessa etapa da vida de um jovem. É possível concluir que os desenhos de políticas devem também buscar apoio na compreensão dos fenômenos em situação. As políticas de caráter assistencial em universidades são elaboradas a partir de dados objetivos, mensuráveis, como condição socioeconômica, escolaridade da família, entre outros. Mas, quando se trata de criar condições para garantir que jovens pobres de escolas públicas acessem o ensino superior e nele permaneçam adquirindo autonomia e confiança no próprio desempenho, nos deparamos com fatores e condições só acessíveis a partir de abordagens fenomenológicas que privilegiem a escuta e os etnométodos dos atores desenvolvidos em situação.

### **Os (des) caminhos da Escola à Universidade**

A partir da coleta de dados percebemos a importância da família e da escola como agentes (des) motivadores da construção de projetos de futuros dos jovens entrevistados. Esses dois espaços de socialização, não sendo estáticos se autoinfluenciam, aparecendo como reflexo um do outro, o que aponta para a compreensão de que as relações familiares influenciam a história escolar e que, por outro lado, a escola também contribui para a construção dos sujeitos e das relações que estes estabelecem com a família e com o mundo a sua volta (CHARLOT, 2009). A longevidade escolar emerge nos meios populares como estratégia de concretização do anseio familiar de melhoria das condições de vida de seus filhos, este desejo familiar é *social e não natural* ele surge da inserção das famílias em redes sociais. (SILVA, 2003).

Nos relatos dos estudantes, percebemos o empenho das famílias em conceder a seus filhos os estudos, “o único bem durável” para um futuro incerto.

*Para estudar minha mãe fez questão para a gente ir para a cidade, porque na zona rural eram, é ainda, salas mistas, com vários alunos. Tem alunos de 1ª, 3ª, 4ª série... Ela achava que o ensino não era de qualidade. Às vezes era criticada, como se quisesse ser melhor do que os outros [...]. Ela [ a mãe] via a realização do sonho dela em ver a gente poder continuar estudando, ela queria que a gente tivesse essa oportunidade [...]* (Ana Flor).

*Por conta da distância da creche, meu pai resolveu vender a casa onde morávamos e construir outra, que era bastante simples, mas era bem pertinho... Assim em pouco tempo passamos a morar a uns duzentos metros da creche. Então quase nunca faltávamos* (Sofia)

Nestes dois relatos o estudo é priorizado pela família como estratégia de superação da condição de pobreza, a partir desta compreensão o espaço familiar é reorganizado, estratégias, das mais diversas são criadas a fim de concretizar o sonho de escolarização dos filhos. É sintomática a relação que se faz nas camadas populares entre escolarização e melhor status no mercado de trabalho, pois, o que se pode observar na experiência dessas famílias é a necessidade imediata de adentrar no mercado de trabalho devido às limitações socioeconômicas vivenciadas em seus cotidianos, as dificuldades financeiras aparecem como obstáculos duros para a construção das estratégias de viabilização da continuação da carreira estudantil:

*A questão da alimentação era difícil, às vezes a gente tinha que ficar até tarde sem chegar em casa... [emoção]. Minha mãe ficava preocupada, porque eu com cinco anos já tava indo para a cidade, era perigoso [...]. As pessoas diziam que minha mãe era uma louca, meus irmãos mais velhos cuidavam de mim, às vezes a gente tinha que ficar na casa de amigos para não perder aula.*  
[...]

*A gente tinha o necessário mesmo de material, livro às vezes não podia comprar, comprava usado quando tinha possibilidade, a farda escolar trocava quando era necessário, quando não tinha mais jeito.* (Ana Flor)

*A questão financeira sempre foi muito presente em minha vida estudantil. Lembro das dificuldades enfrentadas pelo meu pai para comprar o fardamento e o material para a escola, a comida em casa era pouca, mas ele fazia um esforço tremendo para a gente poder ir para a escola todo dia.* (Sofia)

*Meu ensino fundamental foi durante o dia, o médio foi no noturno pelo fato de que tínhamos que trabalhar, né? Tinha que trabalhar, não tinha como estudar e trabalhar durante o dia, então tive que conciliar isso durante dia e noite. Neste período eu trabalhava como ajudante de pedreiro. Na verdade, eu já trabalhei em diversas funções [...], capinar quintal, na época eu era jovem, adolescente precisava do dinheiro, carreguei feira, capinei quintal, fui... Já trabalhei como atendente em bares, servente de pedreiro, até concluir o ensino médio* (Pedro).

Deste modo, como fora supramencionado, apostar na escolarização como caminho para melhorias nas condições de vida requer destas famílias grandes esforços, pois, ao se deparar com a necessidade material, a ajuda nas despesas financeiras da “casa” se torna

elemento central na vida destes estudantes, assim, o trabalho irá emergir como um caminho possível para a melhoria imediata das condições de vida de toda a família.

*Descobri que a estrada era muito maior do que imaginava e que os estudos não terminavam com a escola. Então comecei a pensar no que fazer depois, o trabalho era o principal, precisava de dinheiro para ajudar em casa (Sofia).*

*Minha família passou por uma, uma dificuldade financeira... Eu senti uma necessidade de trabalhar... Sempre tive né? Mas aquela coisa... Agora foi um problema sério, minha mãe ficou muito mal. Aí... Se eu conseguisse novamente um trabalho em Felicidade, eu iria ficar e... Por causa dos meus pais. O que eu queria era garantir uma qualidade de vida para eles, se não fosse naquele momento pelo menos no futuro [...] (Ana Flor).*

*Aos 18 anos, eu comecei a trabalhar, só que o trabalho, o emprego que eu desempenhava, para as necessidades de um jovem de 18 anos ficava distante o salário mínimo era pouco... (João).*

A partir de dados coletados nas pesquisas desenvolvidas pelo OVE é perceptível o quanto a escola pública nega o ingresso na universidade enquanto possibilidade de projeto de futuro para seus estudantes. Desta forma, os sujeitos relatam as condições precárias da escola pública, suas fragilidades e lacunas no que concerne à qualidade do ensino e à preparação para a continuidade da carreira estudantil. Revelam ainda, a disparidade em relação ao conteúdo aprendido na escola e o exigido no processo seletivo para ingresso na educação superior. Assim, para suprir lacunas buscam como alternativa os cursinhos públicos, mais raros, ou particulares que conseguem pagar, com dificuldades, com dinheiro do próprio trabalho ou com a ajuda de familiares:

*Quando peguei as provas do vestibular para ver como era, achei tudo muito difícil, assuntos que jamais ouvi falar na escola. Tudo muito difícil. Em Física, História e Química eu estava bastante defasada, quase nunca tinham professores e sempre se improvisava para não ficarmos sem aulas (Sofia).*

*Eu fui morar em Felicidade, aí o intuito lá era trabalhar e fazer cursinho. Para mim eu só ficaria lá se eu pudesse estudar também, uma coisa tinha que tá ligada à outra. Aí fazia cursinho... O cursinho ficava muito longe de casa [...] (Ana Flor).*

*Em 2002 abri um pré- vestibular aqui, achei por bem entrar no pré-vestibular, me preparar mais, já que o ensino público não prepara tanto, para quem quer algo melhor, visa algo melhor. Então ingressei no pré-vestibular (Pedro)*

Não é possível negar o sucateamento da Escola pública brasileira, entretanto, é preciso desvelar o pano de fundo que se ergue para o acontecimento deste fenômeno. *O que explica a depreciação da escola pública, outrora qualificada?* Para Freitas e Bicas (2009) foi o próprio processo de expansão e universalização do ensino fundamental, a partir da constituição de 1988 que abarcou no seio da escola pública os estratos pobres da sociedade,

que produziu seu sucateamento, através da propagação da compreensão corrente entre os brasileiros: “se é para pobre, qualquer coisa serve”. Essa é uma realidade que envolve todas as políticas sociais implementadas no país: na medida em que elas aparecem como um direito, aparecem também imbricadas de uma característica preconceituosa, revelando a face de um país desigual que distingue a partir do público alvo a ruim/boa qualidade dos serviços prestados pelo Estado. Esse pensamento permanece vivo, descaracterizando as lutas pela conquista da cidadania no país.

Por vezes a longevidade escolar almejada pelas famílias dos meios populares se encerra na conclusão do ensino médio, a partir de então, a motivação para a continuação da carreira estudantil irá ser marcada por outros protagonistas: amigos, namorados e, mesmo familiares que enxergam no ensino superior uma possibilidade de mobilidade social (SILVA, 2003):

*[...] A minha mãe que mesmo sem saber, ela alimentava o desejo de a gente ir para a faculdade, sem saber o quê. Ela sabia que era um estudo a mais e se era uma qualificação a mais ela queria para os filhos dela (Ana Flor).*

*Ouvia com frequência de meu pai: “minhas filhas vão ser doutoras”, e dizia isto porque já trabalhara como motorista de uma médica cujo nome ele deu para minha irmã mais nova [...]. Uma doutora era alguém “importante” e por isso ele desejava esse caminho para nós (Sofia).*

*Eu via amigos meus fazendo universidade, tanto em Lagoá<sup>4</sup>, como fora, é... alcançando seus espaços na vida e isso de certa forma me incentivou a conquistar também meus espaços... se eles conseguiram eu coloquei na cabeça que também podia conseguir...eu não me considerava diferente deles [...]. (João)*

Nas narrativas percebemos que “o não vivido” é imbuído de significados para estas famílias, a não experiência universitária impulsiona o desejo de conceder à prole a possibilidade de romper com a tradição familiar, este significado é fruto das interpretações dos sujeitos sobre sua realidade social e da criação de estratégias para modificá-la. As interpretações e as estratégias desses sujeitos são tecidas nas relações interindividuais das experiências cotidianas, revelando a complexidade das relações sociais. Do mesmo modo, o alargamento dos espaços de socialização dos indivíduos, dilata as possibilidades de interpretação do mundo, assim, os amigos que ingressam na universidade e “conseguem alcançar seus espaços na vida” apresentam a continuação da carreira estudantil como importante estratégia de realização pessoal/profissional.

---

<sup>4</sup> Nome fictício de uma cidade de uma cidade fora do Estado da Bahia.

A escola aparece com duas motivações distintas, a primeira delas é a produção de um “discurso de negação” da possibilidade de contínuo da carreira estudantil, produzido pela escola enquanto instituição formal de aprendizagem, o segundo é como espaço de socialização que permite a emergência de discussões ligadas ao futuro dos estudantes:

*Na época que eu fazia ensino médio eu não tinha um conceito formado, uma ideia formada sobre o que era a universidade. Tudo começou [...] <sup>5</sup> eu tinha colegas que ficavam falando... Falavam de pessoas que faziam faculdade, tinha um colega meu que queria fazer Direito. Aí tinham pessoas próximas de mim que faziam faculdade... Aí a gente falava... Vamos fazer porque o ensino médio não dá, tem que ter nível superior. (Ana Flor)*

*[...] Não tinha informação sobre o que era a Universidade, a escola dizia só que era muito de difícil. Ouvia muito pouco sobre o assunto através de minhas colegas de turma, que pareciam estar mais “atenadas” do que eu, elas conheciam pessoas formadas e outras que ainda estavam cursando. Foi aí que comecei ouvir falar sobre vestibular, que era uma meta de minhas colegas, então achei que poderia ser a minha também. (Sofia)*

Nos chama atenção o fato da “escola dizer” para Sofia que era muito difícil, pois, a escola enquanto espaço formal de aprendizagem tolhe a continuação da carreira estudantil como possibilidade de projeto de futuro, é como se a escola produzisse a universidade como um muro intransponível, algo inatingível/irrealizável/impossível, ao mesmo tempo em que é na roda com os colegas de sala que a mesma universidade aparece como um espaço de construção de um futuro melhor, um lugar que uma vez acessado lhe permite a transformação da realidade que os cerca. É como se a escola enquanto espaço formal de aprendizagem negasse a universidade como projeto de futuro de seus estudantes ao mesmo tempo em que a socialização por ela/nela construída apontasse a instituição universitária como horizonte alcançável.

A aprovação no vestibular é considerada um momento bastante significativo, marcado por uma conquista do jovem e da família mobilizada em torno do projeto de um futuro melhor para os filhos. Entretanto, o ingresso na universidade traz ao mesmo tempo para esses estudantes momentos de angústia e incertezas: nesta nova realidade precisam encontrar soluções para garantir sua permanência na instituição. Trazendo mais complexidade ao quadro que se desenha para esses jovens estudantes, além das dificuldades impostas pela condição socioeconômica, devem ser levadas em conta as mudanças próprias do período juvenil que exigem pensar e tomar decisões relativas ao seu projeto de futuro e a sua autonomia enquanto sujeito.

---

<sup>5</sup> Trecho inaudível.



## Experiência universitária e afiliação estudantil

O ingresso na universidade estabelece para o estudante um novo lugar para seu percurso estudantil, muito diferente daquele experimentado no ensino secundário, assim, a entrada na universidade é marcada por um processo de aprendizagem dos códigos que compõem este “novo lugar” demandando do estudante uma série de adaptações para lidar com os códigos institucionais e acadêmicos, se tudo der certo, o processo de aprendizagem desembocará em sua afiliação à instituição universitária, garantindo “sucesso” nos estudos (COULON, 2008).

O processo de aprendizagem/afiliação, de acordo com Coulon (2008), é experimentado em três fases distintas: o período do estranhamento, do aprendizado e da afiliação. O estranhamento é vivido nos primeiros anos da vida universitária, é uma espécie de transição da cultura escolar à cultura universitária.

*Eu cheguei aqui, nossa! A primeira semana foi horrível! Chorei, fiquei desesperada! Algo... Um negócio estranho, de gente do interior... Não sabe o que é realmente, não tem acesso à informação além daquela do ensino médio. [...] O ambiente da faculdade e a cidade em si... Foi muito difícil nas primeiras semanas... Pensei em voltar para casa [...] (Ana Flor).*

*O primeiro ano na universidade foi um momento não muito fácil. No primeiro semestre eu tinha medo de não acompanhar as disciplinas, volta e meia tinha um assunto que a maioria das pessoas sabia discutir e eu não, eram principalmente questões de história. Tudo era muito novo, a dinâmica de estudar, as apresentações orais, cada trabalho gerava uma grande expectativa (Sofia).*

*O primeiro ano (na universidade) foi um primeiro ano de descobertas, que você acha tudo lindo, maravilhoso, que você vai, você vai... acha que vai voar sem precedentes... então... você pensa que seu curso é o melhor do mundo, que assim que você concluir, você vai estar empregado, que você realmente vai ser reconhecido pela sociedade, pelo profissional que você posteriormente vai ser quando formar... só que no decorrer do tempo você vê que não é nada daquilo que você pensava[...] (Pedro).*

*Se você não aprende a base do ensino médio, você não consegue avançar [...] foi traumatizante! [...] tem professores que exigem do aluno, querem que o aluno tenha determinado nível... que... a gente fica assim realmente desesperado porque não sabe o que fazer para acompanhar... o que é que eu faço? (Ana Flor)*

*O meu segundo semestre eu quase desisto do curso porque eu não conseguia acompanhar o ritmo dos meus colegas, aí eu senti que o problema era em mim, eu me senti incompetente {emoção}, como se eu não pertencesse àquele universo, eu acho que eu não desisti por causa de meus pais, por causa de meus pais e de meus irmãos, por causa de minha família [...]*

*A cobrança é muito grande, você não consegue ter uma aula de apoio tem que acompanhar o ritmo e você não consegue, e o professor começa a tecer comparações: ah... mas seus colegas estão conseguindo! Aí você se sente minúsculo [...] um nada perto daqueles alunos. (Ana Flor)*

*O primeiro semestre foi um impacto, tanto que eu fiquei em quatro finais. Então não [...] eu não sabia manusear os mecanismos que a universidade oferecia, não conhecia cidade, clima, professor, estudante, não conhecia ninguém, eu era um estranho no ninho, foi um tanto difícil mas não foi impossível de resolver.(João)*

As narrativas são construídas a partir do desconhecimento dos códigos da universidade e o tempo que demandado para o domínio dos mesmos. Assim, por não estarem familiarizados com o funcionamento da instituição, com a burocratização dos procedimentos internos, os estudantes se sentem impotentes diante da nova situação, o que gera um conflito interno e um contínuo desconforto em relação à dinâmica da universidade.

“Acalmadas” as angústias, os encantamentos e a insistente sensação de impotência, os estudantes lançam-se no processo de aprendizado:

*Então você no primeiro ano, você está em fase de adaptação... você fala pouco, você interage pouco... primeiro você ouve, você presta atenção, procura absorver tudo o que está acontecendo ali... a partir do segundo ano em diante você já tá um pouco mais crítico, você não é tão passivo a tudo aquilo que os professores falam, passam [...] (Pedro).*

*Eu ouvia falar de Marx, mas nunca tinha lido nada de Marx [...] então eu sentia dificuldades nessa parte aí. Enquanto alguns se destacavam nessas disciplinas específicas, eu ficava para trás porque não tinha conhecido... e... também, como falei a questão dos seminários [...] não sabia como... como... desenvolver um seminário, como montar um seminário, como fazer uma resenha, um resumo, um fichamento, então são coisas que eu... com o tempo a gente foi se adequando, eu fui me adequando... e acompanhando os demais né? [...]*

*Quem vem de escola pública hoje para ingressar na academia, às vezes tem uma lacuna tão grande que às vezes não consegue superar essas lacunas, deficiências... Então você se esforça, tenta se esforçar, mas talvez você não consiga por ter passado por cima de muitas coisas, coisas que devia ter visto num tempo hábil e você não viu... (Pedro)*

*Considero que o segundo semestre foi o mais difícil para mim. Foi nele que tive que aprender a estudar, as disciplinas exigiam muita leitura, eram trabalhos e mais trabalhos a fazer. Tentava antecipar as leituras e as atividades, mas parecia que não adiantava nada. (Sofia)*

*Até o segundo semestre eu me sentia incapaz, é como se dissessem: volta para onde tu veio porque tu não vai conseguir...é como se fosse o determinismo de Darwin, sei lá da espécie... Aqueles que não conseguissem iam ficar sei lá, na ralé... Subalternos [...] (Ana Flor).*

*Eu fui melhorando, me centrando... Vendo que eu tinha que focar em mim, esquecer os demais, saber que todo mundo tem dificuldades, todo mundo erra e que realmente a vida é feita de aprendizados e de erros e são eles que vão incentivar a gente a aprender... e fui realmente começando a ficar mais tranquila...aí vem os laços afetivos da relação da faculdade...você vai se relacionando por afinidades né? [...] E você vai formando o seu universo e aquele é seu mundo e o que está à parte já não te afeta mais tanto [...] (Ana Flor)*

*[...] A falta de dinheiro também prejudicou meu aprendizado. Para economizar eu não tirava todas as cópias de textos para as aulas. Escolhia as que considerava mais importantes e que era assunto de prova. Teve um tempo que comecei a dividir com Aninha ela tirava umas e eu outras e aí trocávamos depois. Taninha era quem*

*tinha todos os textos, então eu também pegava emprestado dela para ler [...] Quase que não tenho material do primeiro semestre por conta disto. Acredito que fui prejudicada um pouco nas disciplinas, principalmente em antropologia e filosofia que sempre tinham muitos textos para ler. Depois de algum tempo, já quando a estrutura da biblioteca melhorou e chegaram mais livros eu passei a ler mais, para economizar nas xérox eu passei a fichar no caderno tudo que lia, isto foi uma ótima técnica de estudo, pois, acabava apreendendo mais facilmente os conteúdos. (Sofia)*

Fazem parte deste processo de aprendizagem os sentimentos de angústia e de impotência em face da nova realidade. As “deficiências” do ensino público e a escassez financeira somam-se a estes sentimentos dificultando o processo de aprendizado. Desta forma os estudantes começam “a correr atrás do prejuízo”, buscando compreender assuntos até então desconhecidos, assim, eles passam a criar/desenvolver *etnométodos* para alcançar a afiliação, diminuindo os riscos de fracassos. É necessário ponderar que a afiliação é um processo contínuo, pois, a todo o tempo se aprende algo novo, novas estratégias vão sendo criadas para enfrentar as situações vivenciadas no cotidiano.

*[...] As pessoas precisam ter bastante jogo de cintura, tem que saber fazer amizade com as pessoas, tem que saber conversar, tem que ter um jeito p/abordar, porque isso de certa forma abre caminhos, de certa, p/quem quer vencer na vida (João).*

*Acredito que foi a partir do segundo semestre que aprendi a estudar... Fazia os horários das aulas, anotava todas as atividades que tinha para a semana, estudava na biblioteca sempre nos mesmos horários e, como não tinha computador ficava ainda mais tempo quando chegava o fim do semestre para digitar os trabalhos. Lia os textos com antecedência e fichava-os (Sofia).*

Nos relatos supracitados fica claro a afiliação do estudante à universidade, João descreve os passos para a afiliação das regras institucionais, criando estratégias para alcançar o sucesso acadêmico e/ou “vencer na vida”. Sofia por sua vez descreve os passos da afiliação intelectual tecendo caminhos para melhorar seu desempenho no estudo e aprimorando as “técnicas” de aprendizado, o domínio desses dois processos desemboca na afiliação plena do estudante que constrói e (re) significa o ambiente universitário.

Portanto, ser estudante universitário constitui-se um processo de aprendizagem que marca as trajetórias individuais dos sujeitos. As narrativas revelam algumas minúcias do cotidiano do estudante de origem popular em seu processo de afiliação à Universidade. Criam-se métodos para organizar os estudos e adquirir os conteúdos, elegem-se espaços estratégicos para a elaboração de atividades, como também se constrói relações de solidariedade e ajuda mútua.

É no processo de afiliação estudantil dos estudantes oriundos das camadas populares que a assistência estudantil assume espaço de destaque como instrumento possibilitador do sucesso na carreira deste estudante

*[...] eu não tinha possibilidade nenhuma de ficar fora da cidade sem trabalhar e não tinha possibilidade de outro emprego... Não dava para ficar indo e vindo, estudar e trabalhar... Eu tinha que largar o emprego, ir para outra cidade desempregada... Então uma amiga minha falou: vai fazer (o curso) [...] Não desiste não... **Porque eu descobri que a universidade dá bolsa e você vai conseguir.** Nisso ela passou por todo processo seletivo... E ela sempre passando para mim a visão do que era a universidade e quanto as tais das bolsas... e aí ela consegui essa bolsa... aí ela falava: se eu consegui tu vai conseguir também...aí sempre incentivando...(Ana Flor)*

***O primeiro contato que tive com as políticas de assistência estudantil da universidade foi ainda no primeiro semestre, acho que no mês de outubro quando vi no mural o edital sobre as bolsas da PROPAAE. Lembro-me que fiquei feliz somente pelo fato de ter surgido aquela oportunidade** (Sofia).*

*Antes de entrar na universidade esses meus amigos que me influenciaram a fazer vestibular tanto para UFBA tanto para UFPE, eles falavam que as universidades federais disponibilizam bolsas de varias naturezas. Então eu já vim vacinado de que a universidade teria algum tipo de modalidade de bolsa que eu poderia me encaixar. Então quando cheguei aqui eu procurei me informar com professores, funcionários e os estudantes veteranos, como fazer p/ que eu viesse me beneficiar com uma bolsa. Como também ficava varias horas na internet, da... do sistema burocrático que a universidade oferece (João).*

A partir das narrativas percebemos a centralidade que o estabelecimento de relações com estudantes já inseridos no contexto universitário assume para o conhecimento acerca das políticas/programas de assistência estudantil, de outro modo, a instituição parece desenvolver algumas estratégias para informar os recém-ingressos. Portanto, podemos considerar que o processo de inter-relação entre os sujeitos possibilita um processo mais rápido de afiliação estudantil.

Do mesmo modo, a assistência estudantil aparece como única possibilidade de contínuo da vivência universitária por ser a “garantia” de maior “estabilidade” financeira para os estudantes que por vezes abrem mão de seus empregos para lançar-se no universo desconhecido que é a universidade:

*Fui a busca de todos os documentos, escolhi concorrer pelo auxílio à moradia que era de R\$ 200,00 na época. Por coincidência a entrevista foi no dia de meu aniversário, e eu comentei com a assistente social que a bolsa seria meu grande presente. (Sofia)*

*Eu vim fazer a matrícula para fazer a faculdade, aí já tinha decidido vir pra Cachoeira, vim pensando... Quase com a certeza de ter que conseguir uma bolsa, se não conseguisse uma bolsa teria que voltar para Felicidade, aí vim e fiquei justamente vivendo com o seguro desemprego durante quatro meses. (Ana Flor)*

*No primeiro semestre eu consegui a bolsa da Propaae já no ultimo momento, acabou o meu seguro desemprego e saiu a lista da Propaae... Aí foi assim... Aquela certeza que eu estaria aqui no segundo semestre, se não fosse isso eu voltaria para casa, isso aí sim teria feito eu voltar para casa, sem sombra de duvidas porque minha família não tinha possibilidade nenhuma, nenhuma, nenhuma de me ajudar financeiramente.*

*Para além do recurso financeiro, a política de assistência me permite ter autonomia. O fato de não ser uma preocupação para meus pais, de poder ajudar minimamente em casa me faz sentir bem, mais tranqüila e mais motivada a continuar meus estudos. Hoje, tenho a possibilidade de comprar coisas que tenho vontade, claro que coisas não tão caras [...] mas roupas, livros, lanches, coisas que antes não poderia nem pensar em querer. Na verdade a bolsa se tornou uma renda fixa. Compro no cartão de crédito e confio que terei dinheiro para pagar no próximo mês. (Sofia)*

A assistência estudantil assume, portanto, duas características importantes na vida do estudante, a primeira delas é o caminho que ela abre para a não desistência do estudante quando encontra um ambiente repleto de angústias e incertezas, a segunda é a possibilidade de autonomia do sujeito, a liberdade e porque não dizer a relativa independência financeira deste jovem com relação à sua família, aos poucos esses jovens vão “rompendo” os laços de dependência com o ambiente familiar. Este rompimento é um passo de suma importância para o processo de afiliação estudantil que culmina na continuação/sucesso nos estudos, diminuindo os riscos de desistência/evasão nos primeiros anos da experiência universitária.

Contudo, o valor das bolsas e os atrasos contínuos são apontados como elementos que dificultam a permanência na Universidade, no entanto, os sujeitos enfatizam a necessidade e a dependência em relação às mesmas, afirmando que a permanência na universidade é condicionada aos programas de assistência estudantil, como revelam:

*Quando eu estou desesperada é que eu ligo para casa, e não ligo, não ousa ligar para meus pais, não por orgulho, é para não incomodar porque se não eles vão tirar de onde não têm... Quando a bolsa atrasa é um desespero, aí tenho que ligar para meu irmão, aí ele dá um jeito... manda o dinheiro, empresta.(Ana Flor)*

*A bolsa foi crucial para minha permanência na universidade, como eu falei se não fosse a bolsa eu não estaria aqui, apesar de a bolsa ter um valor irrisório, e aí se tem uma discussão de política por trás disso né? Foi o que me possibilitou tá aqui, era a única fonte de renda que eu sempre tive e que eu tenho ainda. (Ana Flor)*

*O número de bolsas é irrisório pela quantidade de aluno que entram anualmente na universidade... precisa ser algo maior né? Assim... sem a exigência de ter que participar de projeto de pesquisa. Acho muito louvável, é a contrapartida que a universidade exige do aluno, contudo é... é como se... Essa política de permanência fosse voltada apenas para a quantificação, eles querem saber quantos alunos estão inseridos nos grupos de pesquisa, se todos os alunos que são bolsistas estão realmente inseridos, para cumprir as metas [...] ele (o programa) não tá preocupado com a efetividade, se o aluno está realmente aprendendo... Quem são realmente estes grupos de pesquisa? Pesquisam de fato, ou fazem de conta? É fachada. Então, não há um se debruçar, para ver até que ponto o aluno está evoluindo, e aí eu falo não apenas investigar o aluno, em termos de produção, mas os professores, qual a postura do professor no grupo de pesquisa? Ele se posiciona como pesquisador de fato? Ele está transmitindo conhecimento para seus orientandos? Ou é de faz de conta? Um faz de conta que você vive no ensino público, médio, no fundamental... No universitário nem tanto [...] (Ana Flor)*

*Apesar de um valor baixíssimo na época quando eu comecei a receber era 200,00, esse valor, ele foi bastante satisfatório porque pagava aluguel, água e luz, mas outras necessidades ele não contemplava, alimentação, Xerox... é uma coisa que deixa a desejar [...]. (João)*

O atraso da bolsa é descrito como um momento de “desespero”, que requer do estudante a criação de estratégias para enfrentar a possibilidade de desistência. A necessidade de avançar na política é outro elemento importante das narrativas, os estudantes sinalizam os possíveis caminhos para a qualificação da política, o aumento do valor, o acompanhamento tanto do desempenho estudantil quanto do desempenho dos professores nos projetos de pesquisa que são destinados para a “qualificação” do estudante. Deste modo, a instituição estaria efetivamente preocupada com a excelência dos serviços prestados.

*Prestes a concluir a graduação, os estudantes dizem-se satisfeitos no que se refere à formação que tiveram. Revelam ter expectativas positivas em relação ao futuro, seja através da continuação da carreira estudantil ou da inserção no mercado de trabalho: A caminhada até aqui não foi fácil e não seria possível se eu não tivesse encontrado apoio de minha família que com muita luta tem enfrentado as dificuldades do dia-a-dia, de alguns professores que me mostraram que eu era capaz de seguir em frente e, da própria universidade que, mesmo com todas as limitações, me permitiu permanecer nos estudos. Sei que ainda há um longo caminho a percorrer e que também não será fácil. No entanto, o desejo de aprender continua a me inspirar e a vida tem me ensinado que o futuro se constrói dia após dia [...]. (Sofia)*

Pensar na afiliação dos estudantes de origem popular é perceber que há uma importante compreensão a ser feita: o fato de acessar a universidade não significa o sucesso acadêmico, pelo contrário, as trajetórias revelam uma série de dificuldades que são comumente desconsideradas como elementos que influenciam neste percurso. Aqui, o que se tentou mostrar foi exatamente estes eventos, estas minúcias que permeiam o cotidiano do estudante desde o início do processo de escolarização até a construção da carreira universitária.

## **Considerações finais**

O presente estudo põe em relevo a relação de interação entre os diferentes processos vivenciados ao longo da vida dos atores sociais. Assim, compreende-se que ingressar na Universidade não pode ser considerado o ponto de partida para a construção da trajetória estudantil. Há de se perceber que o caminho para o ingresso na instituição é um caminho construído através de diversas experiências anteriores, vivenciadas pelos sujeitos no âmbito da escola, da família e da sociedade, por isso, a necessidade de conhecer os seus percursos.

Durante muito tempo a Universidade manteve-se fechada, percebendo os estudantes como meros usuários de serviços educacionais (SAMPAIO; SANTOS, 2011), não se interessando pela vida estudantil, pelas relações e transições que aí se estabelecem. Entretanto, o atual momento de “abertura” dessa instituição aos setores populares tem demandado o enfrentamento de diversas situações que nela emergem. Neste sentido, esta conjuntura precisa ser percebida a partir das múltiplas formas que impactam a vida desses novos sujeitos, sujeitos que protagonizam o começo de uma mudança na história da universidade pública em nosso país.

A Universidade enquanto cenário dessas mudanças precisa assumir a postura de um olhar mais aprofundado e cuidadoso sobre seus estudantes. Os percursos anteriores à entrada na universidade devem ser considerados como nortes para a elaboração de ações e políticas voltadas para este público, uma vez que estes percursos são a referência para a construção da carreira universitária, que surge com uma nova vivência, imbuída de novos significados e desafios.

Nesta nova etapa da trajetória, o estudante irá se deparar com novos espaços, sujeitos e regras diferentes daquelas aprendidas na Escola. Este momento marca o início de seu processo de afiliação estudantil, momento que será vivenciado de diversas formas pelos diferentes atores, mas será comum a todos eles o enfrentamento do novo, a busca de estratégias para vencer as dificuldades e construir o sucesso na instituição universitária.

Aqui, vale destaque para a política de assistência estudantil disponibilizada pela Universidade. Ela aparece como instrumento de enfrentamento de situações desfavoráveis, situações que permeiam o cotidiano do estudante de origem popular. Deste modo, as ações que têm como centralidade a garantia da permanência deste público na instituição aparecem como vetor de transformação, como elemento fundamental à afiliação estudantil.

O que se percebe é que a condição primordial do sucesso do estudante pobre, como já indicado, não é sua entrada na Universidade, na verdade este sucesso é resultado das

possibilidades de permanência oferecidas pela instituição. Assim, é possível concluir que, “a constituição do que poderíamos chamar de sucesso se vincula à implementação de políticas efetivas de permanência desses jovens na universidade” (TEIXEIRA, 2011, p.37). Estas políticas são fundamentais à construção de trajetórias mais duradouras, por isto, pensá-las como direito é refletir sobre seu papel transformador, sobre a valiosa contribuição na formação dos estudantes e sobre a própria configuração da Universidade pública e de sua responsabilidade social nos dias atuais.

Essa política ainda precisa avançar bastante em suas ações. Isso é evidenciado pelo crescente ingresso de estudantes de origem popular na Universidade, fato que precisa ser acompanhado de um concomitante crescimento das ofertas de benefícios, haja vista, que estes se constituem, na maioria das vezes, como a única possibilidade de permanência nos estudos. De outro modo, é preciso pensar em ações inovadoras que levem em consideração os percursos desse mais recente público da instituição.

É claro que ações na direção da construção de uma política de assistência estudantil mais sólida têm sido empreendidas ao longo dos últimos anos, principalmente se se pensa na criação de estruturas e dispositivos específicos para tal, como é o caso da PROPAAE, entretanto, há de se pensar em políticas que garantam a efetiva permanência destes dos estudantes, e isso se fará através da construção de uma rede de serviços que englobem moradia, alimentação, saúde, transporte, apoio pedagógico, creche, cultura, lazer, dentre outros direitos que já fazem parte das diretrizes do PNAES, por exemplo, mas que ainda estão longe de ser executados em sua plenitude.

Pensar na construção das trajetórias estudantis e na diversidade de situações e experiências que as constituem, é compreender como os sujeitos constroem os caminhos rumo ao sucesso na Universidade e, por outro lado, é ter conhecimento acerca de suas reais necessidades e das possibilidades de intervenção.

Portanto, faz-se imprescindível a consolidação de políticas mais participativas, construídas coletivamente e pensadas a partir de seus sujeitos, não como mera estratégia de governança, mas como mecanismo de transformação social e de garantia de direitos. Esse processo deve se constituir terreno fértil para a atuação do profissional de Serviço Social, como também de outros profissionais. Destarte, devem-se buscar estratégias para reduzir as desigualdades educacionais em todos os níveis, contribuindo, assim, para a verdadeira democratização da Universidade pública em nosso país.



### Referencias Bibliográficas:

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Universidade Nova: Textos críticos e esperançosos. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber – elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COULON Alain. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. Etnometodologia e Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária*. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Suely. A Universidade do Século XXI: *Concepções Finalidades e Contradições*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2009.

FREITAS, Marcos Cezar de. BICAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009

SILVA, Jailson de Souza. “Por que uns e não outros?”: caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2003.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha ; SANTOS, Georgina G. . Vincular a Universidade a Escolas do Ensino Médio. Apontamentos iniciais para uma tarefa urgente. Revista Estudos IAT, v. 2, p. 19-35, 2011

SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. A Universidade no Século XXI: *para uma Universidade Nova*. Coimbra, 2008. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 20 de Agosto 2011

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. *Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular*. In: SAMPAIO, S. M.R (org) Observatório da Vida Estudantil-primeiros estudos. Edufba, Salvador, 2011